

PE-029 - RELATO DE CASO – CRIANÇA COM DIAGNÓSTICO DE AME TRATADA PRECOCEMENTE COM NUSINERSENA SEGUE ASSINTOMÁTICA APÓS 1 ANO DE IDADE

Lays Silvestre Ferreira¹, Elis Santos Correia¹, Felipe Almeida David da Silva¹, Marco Antonio Azevedo¹, Maria Izabel da Purificação Freitas Lopes¹, Gabriela França da Silveira¹

1. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Introdução: Trata-se de uma criança com teste genético molecular positivo para atrofia muscular espinhal (AME) antes do 1º mês de vida, por ter irmão com a doença, iniciando tratamento modificador precocemente. **Objetivos:** A paciente S.L.F.S., nascida em 02/12/2023, aos 6 dias de vida, foi submetida a exame genético para AME. A análise de deleções e/ou duplicações do gene SMN foi liberada após 27 dias. O resultado mostrou o éxon 7 do gene SMN1 com zero cópias, éxon 8 do gene SMN1 com zero cópias e éxon 7 do gene SMN2 com duas cópias. Iniciou tratamento com nusinersena, uma das drogas modificadoras da doença disponíveis. Aos 11 meses de idade, o tratamento foi suspenso para aplicação do onasemnogene abeparvovec, aplicado dia 08/01/2023. Foi acompanhada mensalmente por médico pediatra no domicílio e por equipe especializada em doenças neuromusculares no hospital de referência. Seguindo as orientações do Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas da AME 5q tipos 1 e 2 do Ministério da Saúde, foi avaliada periodicamente com a escala Children's Hospital of Philadelphia Infant test of Neuromuscular Disorders. Aos 9 meses de idade, pontuava 60/64 pontos, compatível com ausência de sinais evidentes de atrofia muscular. No domicílio, foi regularmente atendida por profissionais da área de reabilitação. Ao completar 1 ano de idade, está eutrófica, ventila em ar ambiente sem dificuldades, alimenta-se via oral sem sinais de disfagia, apresenta linguagem monossilábica, mantém-se de pé sem apoio e deambula com apoio. Não apresenta sinais ultrassonográficos de distrofia da musculatura supra-hióidea e não apresenta sinais de displasia de articulações. **Discussão:** A literatura sustenta que há uma grande diferença na qualidade de vida e no desenvolvimento neuromotor das crianças portadoras de AME tipo 1 quando o tratamento modificador é aplicado precocemente, isto é, antes dos sinais e sintomas de atrofia muscular se apresentarem. O caso apresentado evidencia isso. Todavia, também há evidências de que a aplicação do tratamento modificador não prescinde da intervenção multiprofissional na área de reabilitação. É provável que o melhor benefício seja alcançado com a combinação dessas ações. O tratamento modificador da AME é altamente eficaz quando aplicado precocemente. Recomenda-se fortemente que todos os recém-nascidos sejam testados ainda nesse período, já que o tratamento precoce permite que crianças portadoras de AME possam se desenvolver sem deficiências motoras em condições de igualdade com crianças saudáveis.

PE-030 - PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DAS HEPATITES VIRAIS NO RIO GRANDE DO SUL NAS CRIANÇAS DE 0-14 ANOS ENTRE OS ANOS DE 2015 A 2020

Patrícia Vanzing da Silva¹, Gilvana Moreira Rambor¹, Lisiane Cervieri Mezzomo¹

1. Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução: Consoante o Ministério da Saúde, as hepatites virais são um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo. É uma infecção que atinge o fígado, causando alterações leves, moderadas ou graves. Nesse sentido, torna-se importante o conhecimento a respeito da epidemiologia das hepatites virais, favorecendo políticas de saúde voltadas para a prevenção e redução das suas complicações. **Objetivos:** Este trabalho tem o objetivo de descrever e analisar os principais dados epidemiológicos acerca das hepatites virais na população pediátrica. **Metodologia:** Estudo quantitativo, epidemiológico, desenvolvido a partir dos dados secundários do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), analisando o número de casos, por ano do primeiro sintoma, faixa etária, sexo, classificação etiológica e macrorregião de saúde de notificação dos enfermos no período de 2015 a 2020 no estado. **Resultados:** O Rio Grande do Sul apresentou um total de 239 casos por hepatites virais na população de 0 a 14 anos, no período de 2015 a 2020. No ano de 2015, totalizaram-se 48 casos confirmados. Em 2016, houve uma queda de 2 casos, totalizando 46. Em 2017, a queda continuou e no ano resultou em 33 casos. Já em 2018, houve um aumento no número de casos confirmados, resultando em 51 casos. Em 2019, houve 43 casos confirmados e, em 2020, foram 18 casos, o que resultou numa diminuição. Em relação às hepatites virais no estado do Rio Grande do Sul, a maioria é concentrada na macrorregião de saúde Metropolitana de Porto Alegre, com 145 casos notificados nesse período (60,7%). Em todas as macrorregiões do estado, a prevalência das hepatites virais é em crianças até 1 ano, com 138 casos nesse período (57,8%), sendo a hepatite C a mais prevalente dentre todas as faixas etárias, com 94 casos em menores de 1 ano (39,3%) e 150 casos em crianças de 0-14 anos (62,8%). No que diz respeito ao sexo, 54% (n = 129) eram do sexo masculino e 46% (n = 110) do sexo feminino. **Conclusão:** Diante do que foi exposto, é notório que o número de casos de hepatites virais na população pediátrica no Rio Grande do Sul tem incidência em menores de 1 ano e prevalência na macrorregião de saúde Metropolitana de Porto Alegre. Por isso, faz-se necessário que a epidemiologia referente à hepatite C, mais frequente a nível pediátrico, seja conhecida, visando novas formas de tratamento e direcionamento para diagnóstico precoce.